

# Os últimos Tapebas em defesa das tradições

Quem se dirige à Caucaia e atravessa a ponte sobre o Rio Ceará pode observar um aglomerado de casebres às suas margens, mas poucas pessoas sabem que naquele meio vivem remanescentes da tribo dos Tapebas, índios que povoaram durante muito tempo regiões em Caucaia e Tembé.

Hoje vivem umas poucas famílias sem guardar nenhuma tradição de seus antepassados, passando as maiores privações em um local onde as condições de vida seriam impossíveis se não fosse a presença do Rio Ceará, com seus mangues povoados de camarões e caranguejos.

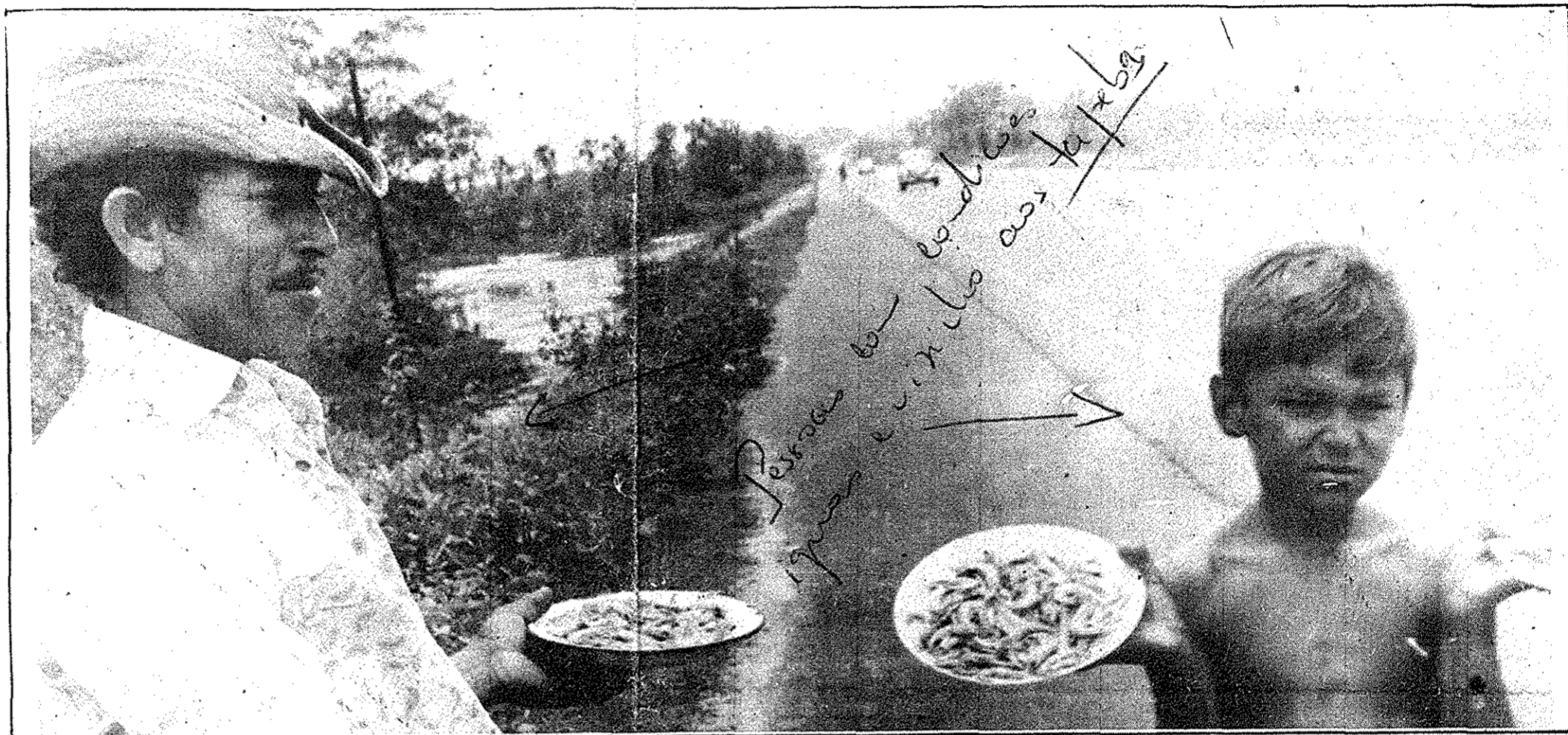
Os descendentes da tribo dos Tapebas que vivem às margens do Rio Ceará não passam de trinta, distribuídos em cerca de três famílias.

O sr. Francisco Alves é um dos netos dos antigos Tapebas e com muita insistência conseguimos conversar a respeito da vida atual de seu povo, uma vez que muito pouco ele sabia sobre a vida dos velhos índios.

A princípio o sr. Francisco Alves negou ser Tapeba e disse não ter conhecimento dessa tribo. Muito revoltado com "as pessoas que só vêm aqui para pedir voto", ele relutou um pouco, mas falou que "os mais velhos morreram tufo". Morando aqui só tem os netos mesmo, até os filhos dos velhos "já se acabou". Agora só tem mesmo os netos dos velhos.

O seu Chico Passarinho, como é mais conhecido, diz que ganhou esse apelido quando vendia pássaros, mas desistiu da profissão porque a fiscalização deu em cima e ele não gosta de aborrecimento. Ele conta que hoje, tanto ele como os demais tapebas vivem de vender plantas, tucum para pincéis e pesca de camarão, caranguejo e pequenos peixes.

Seu Chico reclama que a vida está muito difícil, "a gente vive porque, enfim, é o jeito. Deus dá um jeito de tudo passar. A gente arranca uns caranguejos, quando dá uma maré boa, pega uns camarões-zinhos, vende na pista ou então na Caucaia. Aí a gente vai pedir ajuda a um prefeito des-



Sem escolas ou qualquer tipo de assistência, as crianças apenas ajudam na mísera atividade dos pais.

se, chega lá ele diz: "Eu nem lhe conheço".

Segundo ele, a população que vive naquele barranco do Rio Ceará não recebe visita de nenhuma instituição beneficente e nunca viu uma assistente social entrando na sua casa para saber como vivem. Ele sabe que existem órgãos que "ajudam os pobres", mas nunca formaram comissão para pedir ajuda, pois "com essa arrumação não se consegue nada". Às vezes o povo diz que tem aí um lugar que dá ajuda a famílias pobres, com quatro ou cinco filhos, que o governo manda. Mas quando a gente manda a mulher da gente ir, o pessoal diz que já acabou. A bondade que o povo faz é dessas assim".

Na ocasião da entrevista, o seu Chico estava trabalhando, desfiando folhas de carnaúba para extrair o tucum que ele vende ao preço de 100 cruzeiros o quilo. Ele diz que não aprendeu com os índios, seus avós não trabalhavam com tucum e só em 56 tomou conhecimento dessa atividade. A extração do tucum é muito pouco lucrativa, pois ele e sua



A única alfabetizada da família deixou de estudar por falta de condições

família passam a manhã desfiando as folhas de carnaúba e depois que secam, rendem poucos quilos.

Além da extração do tucum a fonte de renda do seu Chico é a pesca que ele faz com muita dificuldade, pois é doente de hérnia e não pode fazer muito esforço. Anteriormente ele sustentava sua família com o trabalho na roça, era, inclusive, filiado ao Sindicato Rural. Mas com a doença, largou a enxada e foi, inutilmente, pedir assistência médica ao Sindicato. Ele conta isso com muita revolta, pois pagou durante seis anos o sindicato, esperando que um dia tivesse assistência. Hoje, pobre e envelhecido demais para os seus 51 anos, o seu Chico só espera por Deus.

A atual família do seu Chico é composta por quatro pessoas além dele — sua mulher, que diz ser Tapeba por ter casado com ele, uma filha de criação com 16 anos — a única alfabetizada da família — e dois meninos, um de 3 e outro com 8 anos. Moram em um casebre de dois cômodos construído de barro do próprio rio e varas da capoeira. Anterior-

mente, ele viveu com uma mulher Tapeba, tiveram cinco filhos, mas todos morreram. Com algum tempo ele largou essa mulher índia e prometeu só casar com uma mulher que não fosse de sua tribo.

Perguntado se aquela situação era devido a sua impossibilidade de trabalhar, seu Chico disse que não, pois os outros Tapebas que vivem nas proximidades, também estão naquela condição de miséria. Alguns vendem samambaias, conseguida na serra de Maranguape, e embora consigam, por uma samambaia pronta no xaxim, cinco mil cruzeiros, isso não ocorre com frequência.

Perto de sua casa não existem escolas, água potável, nem luz. O policiamento só age em Caucaia e para apanhar transporte na pista, as mulheres se arriscam muito, tendo que atravessar todo o trecho até lá. Apesar da pobreza dos moradores, os ladrões não deixam de agir.

## RELIGIÃO E POLÍTICA

O Rio Ceará é considerado por seu Chico e seus familiares

um pai e uma mãe. "Se não fosse esse pai velho aí, nós morria tudinho de fome". Moram no terreno que, segundo ele, é da Marinha, e até agora nunca tentaram despejá-lo de lá, "lá mais pra cima andaram falando em botar o pessoal pra fora, mas aqui nunca ninguém falou não".

Apesar de ele não gostar dos que "só aparecem para pedir voto", afirmou que está com vontade de aprender a "assinar o nome e escrever o nome de Caucaia" para tirar o título de eleitor.

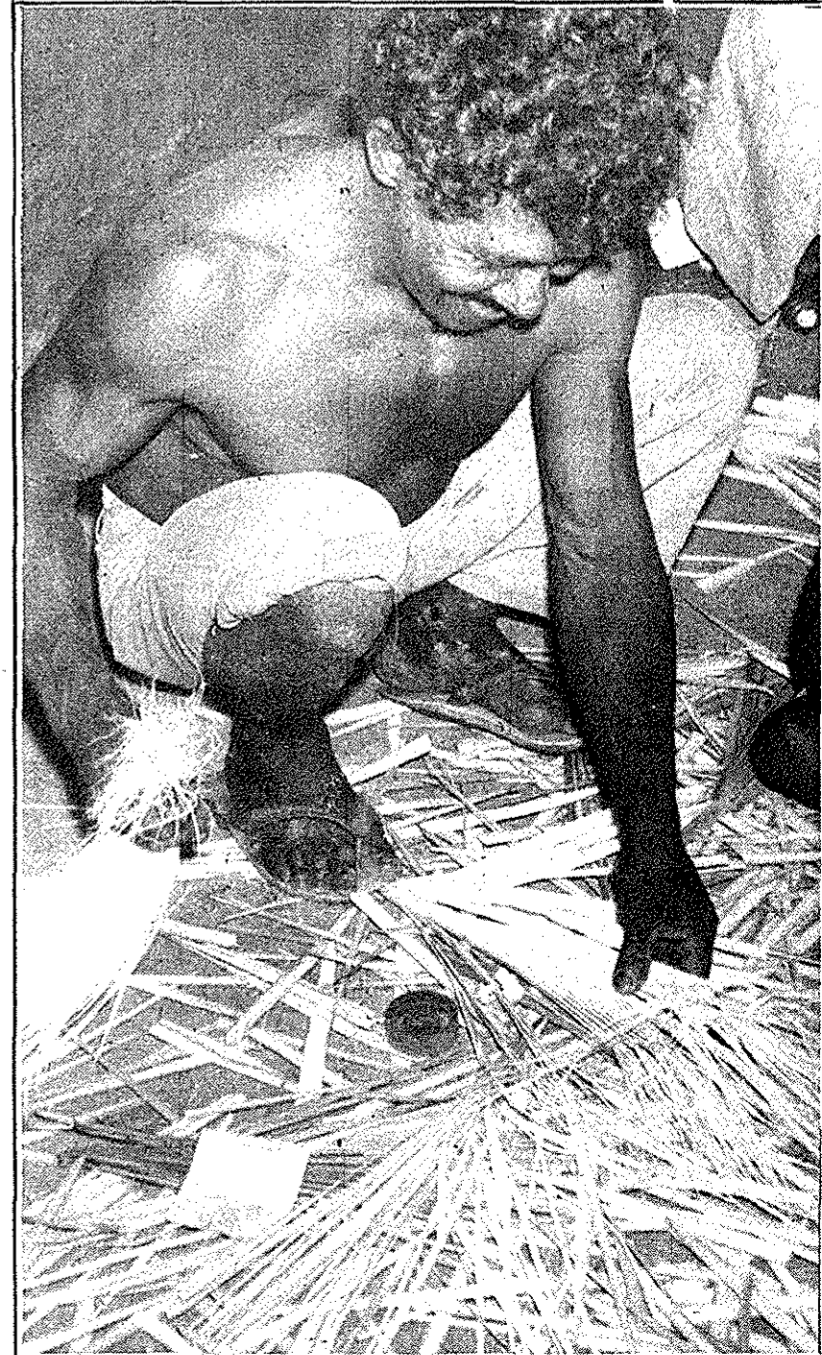
Ele conta, rindo muito, já bem descontraído, que quando algum político batia à sua porta perguntava logo se ele tinha título de eleitor, como não possuía, o "político nem queria conversar mais". Como ele está pensando em tirar o título até as próximas eleições, indagamos se já tinha algum candidato de sua preferência para governador. Quis saber direito o nome dos dois, pediu para repetir e depois de ponderar respondeu "eu num sei dizer não, né? Mas o povo tá com muita fé no Mauro né? deu uma gar-

galhada e depois respondeu o porquê da sua escolha: "Sei não, ele não promete nada a ninguém, mas que um tal desse tipo pode muito bem fazer". Acha também que o governo atual não está fazendo muita coisa, pois ele afirma que "de primeiro toda mercadoria tinha o seu preço e hoje as coisas estão do jeito que querem. Antes, em todo canto tinha a tabelinha, se alguém aumentasse assim, o mal feito era logo desmanchado, agora não tem quem desmanche". Ele confia então nos poderes de Deus que se o Mauro Benevides for um bom candidato "ele há de ganhar para olhar mais pelos pobres".

Os descendentes dos Tapebas já estão completamente integrados na vida dos brancos e não possuem nenhum costume que os faça diferentes dos demais moradores da localidade. Seu Chico diz, inclusive, que crê muito em Deus e sempre que pode vai à missa "quando a gente não pode ir à Igreja pega a missa pela Caixa de ferro", e mostra o rádio em cima de uma mesa da sala sobre.



Casada com um descendente de índia, a mulher ajuda no corte da carnaúba



Antes da pesca, à tarde, seu Chico desfia carnaúba para vender